

Brasileiro vive mais e melhor

Levantamento do IBGE mostra mudança no padrão de vida. Tecnologia entrou no dia-a-dia das pessoas



LÍGIA TEDESCHI

Capixaba, assim como boa parte dos brasileiros, está com um trabalho melhor, botando mais dinheiro no bolso e comprando mais celulares. Também ampliou os estudos, tem menos filhos e vive mais.

É o que apontou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No Estado, o número de pessoas empregadas saltou de 703.085 em 1996 para 1.092.552 em 2006. E o nível de ocupação feminina passou de 42,8% para 50,1% no mesmo período.

Quanto à aquisição de celulares, 337.235 capixabas utilizavam a telefonia móvel em 2006 contra 69.381 em 2001. Um acréscimo de 40,81%. Já o número de linhas telefônicas convencionais subiu 78,37% em igual período.

Prova de que os capixabas estão vivendo mais foi o acréscimo no número de pessoas com 60 anos ou mais. Nos últimos 10 anos, esse grupo passou de 7,6% para 9,1%.

Os números nacionais são parecidos com os do Espírito Santo. E, de acordo com o IBGE, a melhora nos índices sociais em 2006 pode ser explicada, de for-



AGÊNCIA BRASIL

População brasileira: pesquisa mostra melhora nos índices

ma geral, pelo aumento de 13,3% no salário mínimo.

Os dados nacionais mostram também que a taxa de escolarização foi recorde: quase 96,7% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola. E o número de estudantes entre 5 e 6 anos nas salas de aula subiu 3%.

A vida moderna também está refletida na pesquisa. O número de residências com um só morador subiu de 10,8% em 2005 para 11,1% em 2006. Além disso, a população está tendo menos filhos: a média caiu de 2,1 filhos por mulher em 2005 para 2 em 2006.

Mas o estudo do IBGE também mostra que ainda faltam avanços. A taxa de analfabetismo caiu, mas ainda é gigantesca. Quase 15 milhões de pessoas no País

não conseguem ler um bilhete.

E mesmo com o aumento da formalização, a carteira assinada é um privilégio de apenas um terço da população ocupada.

Já os trabalhadores que ganham menos foram os que registraram maior recuperação do poder de compra em 2006.

A recuperação ocorreu para 50% dos trabalhadores com rendimento mais baixo – essa parcela tinha, em 1996, rendimento médio real mensal de R\$ 267 e, em 2006, esse valor passou para R\$ 293.

De forma geral, de 2005 para 2006, os trabalhadores brasileiros tiveram um aumento de 7,2% em seus rendimentos, passando a ganhar, em média, R\$ 883 por mês.

Desemprego maior para quem tem estudo

Fazer faculdade e cursos de especialização não é mais garantia de emprego. Prova disso é que os brasileiros com maior escolaridade têm mais dificuldade em encontrar trabalho do que aqueles com menor instrução.

A pesquisa do IBGE mostrou que a taxa de desocupação entre as pessoas com 11 anos de escola ou mais era de 8,3% em 2006. Já entre aqueles com menos de um ano de instrução o índice foi de 4,1%.

No Estado, a taxa de desocupação é maior para quem tem de oito a 10 anos de estudo (até o ensino médio), chegando a 10% em 2006. Em seguida, com 6,8% de desocupação aparecem as pessoas com 11 a 14 anos de estudo.

Cresce número de empregados com mais de 40

A pesquisa mostrou que em 2006 cresceu o número de trabalhadores de 40 anos ou mais com ocupação no mercado de trabalho. Nessa faixa, a população ocupada aumentou 1,1% na comparação com 2005, e alcançou mais de dois quintos da população ocupada total (40,1%).

O grupo na faixa de 50 a 59 anos foi o que apresentou maior elevação de participação entre os ocupados, passando de 12,2% para 12,7%.

O Sudeste apresentou o maior aumento na ocupação para os acima de 40 anos. No Espírito Santo, o número de ocupação feminina aumentou significativamente em 10 anos, passando de 42,8%, em 1996, para 50,01%, em 2006.

População conectada à internet

Os brasileiros estão cada vez mais informatizados e conectados à internet. Na média nacional, uma em cada cinco residências já possui computador e quase o mesmo número de casas tem acesso à internet.

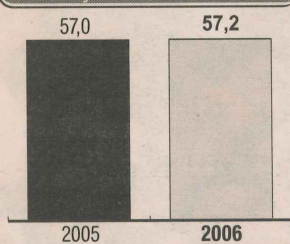
De 2001 para 2006, o número de domicílios com computadores pulou de 12,6% para 22,4% no País. E o acesso à internet está presente em 16,9% das famílias.

Com mais dinheiro no bolso, a população comprou mais computadores, TVs e rádios. No Estado, o número de domicílios com computadores com acesso à internet passou de 67.099 em 2001 para 178.384 em 2006 – um crescimento de 75,29%.

AMOSTRA DE DOMICÍLIO - 2006

Veja dados do IBGE (%)

POPULAÇÃO OCUPADA*

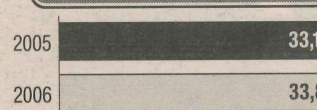


RENDIMENTO MÉDIO (R\$)

PESSOAS OCUPADAS**



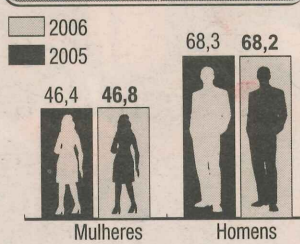
COM CARTEIRA ASSINADA***



TAXA DE ANALFABETISMO****



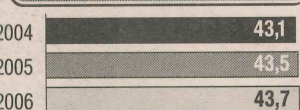
NÍVEL DE OCUPAÇÃO*



DOS DOMICÍLIOS BRASILEIROS



MULHERES QUE TRABALHAM



DOMICÍLIOS

RESIDENTES (MILHÕES)

	2005	2006
Homens	89,955	91,196
Mulheres	94,646	96,031
Total	184,601	187,228

CONDIÇÕES

	2005	2006
Iluminação elétrica	97,2	97,7
Rede geral de água	82,3	83,2
Esgoto sanitário	69,7	70,6
Coleta de lixo	85,8	86,6
Com telefone	71,6	74,5
Com computadores	18,6	22,1
Televisão	91,4	93,0
Rádio	88,0	87,9
Geladeira	88,0	89,2

(*) Nível de ocupação, na semana de referência, das pessoas de 10 anos ou mais de idade (**) Mensal, das pessoas ocupadas com rendimento de trabalho (***) Considerando total da população ocupada (****) Pessoas com 10 anos ou mais de idade

FONTE: PNAD/IBGE

© GRAFFO

Fani / Editora de Arte

SAIBA MAIS

Infra-estrutura básica e bens de consumo nos domicílios capixabas

Dados	2005	2006
Rede de água	84,40%	83,10%
Rede de esgoto	75,70%	76,10%
Coleta de lixo	85,70%	85,40%
Rede elétrica	99,60%	99,70%
Telefone	73,20%	78,40%
Fogão	98,80%	98,90%
Filtro de água	65,90%	64,10%
Geladeira	93,40%	95%
Freezer	19,30%	19,30%
Máquina de lavar roupa	28,20%	24,90%
Rádio	87,80%	85,80%
Televisão	93,20%	94,60%
Computador	19,60%	22,50%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2006.

AJO 3939-2

Pesquisa mostra que família está menor

Alterações no mercado de trabalho influenciam decisão quanto ao número de filhos. A média é de 3,1 pessoas por família



As famílias do Espírito Santo estão ficando menores, de acordo com dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

A pesquisa mostrou que, em 1996, a média de pessoas por família era de 3,7. Em 2006, esse número caiu para 3,1 pessoas por família.

“Essa

redução no tamanho das famílias está diretamente relacionada à diminuição da fecundidade feminina, às alterações no mercado de trabalho e aos novos arranjos familiares. Os últimos dados mostram, por exemplo, que o

número de domicílios ocupados por apenas uma pessoa era de 121 mil em 2006. Já no ano de 2005, era de 111 mil. O que dá um aumento de 9% em um ano”, disse Shella Bodart, coordenadora de divulgação do IBGE no Estado.

As famílias também apontam como fator de redução do número de filhos as dificuldades em se criar uma criança, oferecendo condições sociais e econômicas

para que ela tenha um futuro promissor.

“Tenho uma filha de 5 anos, a Vitória, e eu e meu marido não pretendemos ter outros filhos. Está muito difícil criar um filho. Os custos com saúde e educação, por exemplo, são muito altos”, afirmou a estudante Andressa Gava de Almeida, 26 anos.

Os altos custos e a dificuldade de proporcionar uma boa estrutura familiar também foram fatores determinantes para Rosana Fraga optar por ter apenas uma filha.

“Eu sou professora, tenho 40 anos, e nessa vida corrida que sempre tive acabei optando por só ter uma filha, que hoje tem 9 anos”.

Para o coordenador de População e Indicadores Sociais do IBGE, Luiz Antônio Pinto de Oliveira, além da diminuição no número de nascimentos, outro fator que fez com que o número médio de pessoas vivendo nos domicílios caísse em todo Brasil foi o aumento da expectativa de vida.

“Esse processo de envelhecimento e queda da fecundidade acontece de forma mais acelerada a partir da década de 70, a princípio de forma restrita às áreas urbanas do Sul e Sudeste e, nos anos 80, se espalha também para o Nordeste”, explicou.

DADOS DO ESPÍRITO SANTO

TAMANHO DAS FAMÍLIAS

Média de pessoas por família	1996	2001	2006
	3,7	3,4	3,1
Média de pessoas por domicílio	1996	2001	2006
	3,9	3,5	3,3

PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE COM 11 ANOS OU MAIS DE ESTUDO

Média de anos de estudo	1996	2001	2006
Homens	44,15%	44,38%	45,6%
Mulheres	55,85%	55,62%	54,4%

Crianças capixabas na escola

O Espírito Santo foi o estado onde a frequência de crianças de 5 a 6 anos nas escolas ou creches registrou maior crescimento em 2006 se comparado a 2005, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

A pesquisa apontou que a presença das crianças capixabas aumentou 9,2 pontos percentuais, atingindo 85,7% em 2006. Em Rondônia, 60,7% das crianças entre 5 e 6 anos estavam na escola em 2006 (2,9 pontos percentuais a mais que em 2005).

Já no Ceará, a taxa ficou em 93,2% – 2,1 pontos percentuais a mais do que em 2005.

Em Alagoas e Mato Grosso do Sul, porém, houve reduções de 1,6 e 0,4 ponto percentual, respectivamente, nesse indicador, de 2005 para 2006, quando as taxas ficaram em 75,2% e 75,7% respectivamente.

Em todos os grupos de idade, as mulheres tinham um percentual maior de frequência nas atividades escolares do que os homens.

Andressa e a pequena Vitória: altos custos com saúde e educação